

NA GARGANTA UM SERTÃO ENJAULADO



MARCELLO SILVA



Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Luiz Felipe Leprevost

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha

Jurados

Cristiano de Sales e Luísa Cristina dos Santos Fontes

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Silva, Marcello

Na garganta um sertão enjaulado [livro eletrônico]/ Marcello
Silva. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

58 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria poesia"

ISBN 978-65-89223-14-6 (e-book)

PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.1

NA GARGANTA UM SERTÃO ENJAULADO

MARCELLO SILVA

SUMÁRIO

5 GÊNESE

6 ÊXODO

54 APOCALIPSE

Gênese

há um sertão em mim
que canta e sangra

antes do verbo era a poeira o frio no banho de cacimba
tamanho o calor e o criador fez descer o rio
alegre vadiando entre os mandacarus e deus viu e
[gostou e fez os piaus tilápias carás bodós
e depois por descuido criou o homem-mulher

[menino-homem

depois de maio o rio parou e empoçou água
no poço grande perto das pedras
que poção d'água pai-d'égua
e ali cresceu homem-mulher menino-homem
e veio outros de outras ilhas desse mar-sertão
fundiram-se no barro e imburana e brotaram mais e
[mais como mata-pasto em cada
inverno

fez-se o éden nas ateiras e jatobás e cantos de xexéus
[sabiás

Êxodo

I

depois do útero
por onde andaram
foram clandestinos nesse sertão de meu deus
indo por tantas veredas vazias
pedras espinhos cactos
indo... indo... indo arredios
suçuaranas jaguatiricas carcarás

feito raimundo o boiadeiro sem casta
que não deixou rastro nem filho e não
foi filho de ninguém só trabalhou de graça
nas fazendas e fazendas por um prato de comida
e na cova rasa seu nome não foi escrito na cruz de aroeira
se foi... foi... foi...
sem nome foi para o vazio dos pastos secos foi

II

o sol quente de meio-dia é reflexo de tantos sonhos e
[vazios
que somos
a poeira a estrada o vento de agosto dançando xote no
[pé de imburana
indo e vindo transladando dizeres secretos das
[rezadeiras e benzedadeiras
pinhão-roxo quebrando energias tinhosas
amém meu filho e que deus te acompanhe pelas sete
[encruzilhadas desse sertão
amém amém amém meu filho

talvez o fantasma que sempre fomos
à espreita nos espera
nos cruzamentos de caminhos
e ao imitar ao assovio dos vagantes noturnos
amaldiçoamos nossa jornada por entre esses
[carnaubais
gritador grita a dor grita dor dor dor do pesado
[infortúnio às costas espinhela caída

III

o sertão é grito na madrugada
onde adormecem os fantásticos homens e mulheres de
[barro e osso

xícara de café e sorriso sem dente

um tamborete de couro cru

você quer água, meu filho?

um café?

desapeia

desjejum está no jirau

e tudo é mar de afeto que vaza dos olhos

tristes e cansados dos homens sem porquês

e das mulheres que sangram saudades.

IV

o rio passa ali
o rio ubatuba é cria da serra
todo ano a montanha pare a cobra-d'água
depois de são sebastião
ela desce serpenteando entre pedras e carnaubais
e leva leva leva alegria ao homem seco e sem lágrimas.
um ano ela demorou descer
chegou fevereiro março e vó preta chorou
na plantação seca feijão milho mandioca
o que vamos comer?
vó preta trabalha na roça desde os cinco anos de idade
[nunca gostou de casa cuidar

em dois mil e nove o ubatuba jorrou lama pelas
[ribanceiras

levou tudo correnteza
desabrigou o homem molhado
levou quintais e galinhas
choveu choveu choveu
até levou capela e nunca mais ninguém quis roubou são
[josé
o rio não cansa como a reza das marias enfeitadas de
[brancos em maio
mariano mês de aves marias

*a treze de maio na cova da iria
no céu aparece a virgem maria
ave ave ave maria
ave ave ave maria*

lembro de maio e a reza em cada casa
o terço decorado e as velas brancas esvaindo-se
vez e outra eu dormia nos mistérios dolorosos
flagelação de cristo

outubro maria veste marrom promessa a são francisco
[de canindé
há de ter fé homem de pouca letra e muito sol na cabeça
chama chico rita para tirar essa quentura com reza
[silenciosa
que só ele sabe e aprendeu de sua mãe maria maria
[maria talvez por que não seria maria?

V

há um sertão em mim
que canta e sangra

*lá se vem a lua saindo
de trás da nuvem escura
meu cavalo está selado
e minha noiva está segura*

mandacarus na estrada veredas de homens e bois
[vaqueiros de terno de couro cru
gibão é armadura do cavaleiro sertanejo
seu cavalo pégaso de prata encantado na mata de
[marmeleiro quebra cipó mofumbo no
peito de aço
sangra deveras o homem a besta fera e o chocalho na
[mão é troféu que fala na caatinga
serrote lama poeira
quando infortúnio a lança do tempo transpassa a couraça
o homem vira asa branca bate asa do sertão
são pedro percebe um aboio cantar diferente por
[aqueles pastos vistosos de janeiro
e o vaqueiro vai ser lembrança adaga alada
dos carnaubais e confins desse sertão-mar mar-sertão
[tão tão sem dizeres.

*sacudido numa cova
desprezado do senhor
só lembrado do cachorro
que inda chora a sua dor*

VI

antônio santil foi clandestino por tantas terras secas e
[cercadas de arames farpados
com bússola no peito vento é voz de deus
seguir por tantos nós entre nós desamarrando cancelas
carcarás arredios
andorinhas no arrebol
mil milhares de antônios marias josés sem uma casa
[de taipa
vagando na soalheira da tarde por uma cabaça d'água
[rapadura tapioca
tanto chão à vista e sem chão para plantar um grão
arames farpados no bigode do homem dono de
[milhares de hectares de terras que o
devorarão no cemitério em sete palmo e chão
prece oração
o sol chuva
deus é sertão
depois do primeiro sereno
o cuscuz de milho moinho peneira o pão é caro
um quilo de suor
na face triste do olhar vazio do homem-fera
a rendeira traça o fio canta
e conta a história
de maria, mãe de maria e filha de maria
tantas marés ilhas andarilhas por estes fins...

VII

há um sertão em mim
que canta e sangra

via láctea entre o cajueiro e a caipora que passa a noite
[assoviando
levando levando e indo com seus animais para dá água
[no rio ubatuba
e o caçador cansado de tanto apanhar lhe dá um naco
[de fumo deixado no tronco de
imbu
ela menina encantada das matas assovia e arrepia até
[os pelos dos lobisomens ou
lobismulheres que vagueiam nas galáxias próximas
[deveras

monótona noite ao som das lamparinas e grilos o vento
[bulinando a palha das
carnaubeiras
nas mãos de marias barulho do rosário insiste
o copo no pote de barro tibum! tibum! tibum!
o rasga-mortalha insiste em agourar
a prece resiste silenciosa nos lábios ressequidos em
[nome do pai filho espírito santo
amém! amém! amém!
um cão olha a vereda
ladra late late late late late...
comunica seu medo
alerta alarde
nos olhos escapa a alma
caiporas? lobisomens?
vagantes de outras paragens deveras

vastidão vazio e o som da seriema arranha o dia
o espinho de imburana na testa sangra
e aponta ao norte
por onde não iremos
o vento faz curva nos oitizeiros
assovia açoita a pedra
e tudo é paz entre os dedos.

VIII

zé preto vaqueiro das instâncias e distâncias de terras
[além
era raquítico um metro e meio de bravura
domava gado e fumava cigarro na palha de milho
casou com birica quinze anos mais nova e teve
[dezessete filhos
birica com quinze anos casou com zé e ficou viúva aos
[sessenta
cincos filhos morreram antes dos três anos de
[desnutrição infecção e anjinho andré
comeu soda cáustica de fazer sabão
as cruzeiras de aroeira debaixo do cajueiral são as últimas
[lembranças pássaros que voa
voa
rasante na tarde de chuva toda vez que birica chorava

IX

é vendaval e vó jogava água benta no terreiro
aqui tem maria! aqui tem maria! aqui tem maria!
sempre teve e sempre terá uma maria mãe filha avó
[neta bisneta até o fim de tudo
ser maria é ser o próprio sertão é como ser caatinga
[chuva mormaço canto da mãe-da-
lua

X

de onde vem tanta gente igual?
face triste amarrotada de dia a dia poeira pó de milho
dando bom dia levando cabaça d'água rudia na cabeça?
quem não pode com o pote não pega na rudia já dizia vó
[maria
qual a sua tribo rainha ou rei de além-oceano? qual seu
[clã, milorde?

nestas matas de *kerodon rupestris*?
o sal some às vísceras
o rei-homem cai
sem sonho
e com saudade do que foi
andara por muitos pés alpargatas
sem rastro ou rosto
a luz do farol foi o último santo
que rezou sem remorsos
oxóssi oxóssi oxóssi
guerreiro de foice e enxadas em punhos
canta no roçado

luanda, luanda, onde estou?
luanda, luanda, aonde estás?
luanda, luanda, onde estou?
luanda, luanda, aonde estás?

XI

há um sertão em mim
que canta e sangra

no poço grande no ubatuba
morou mãe-d'água de cabelo crespo e pele escura como
[as noites sem luar
a mulher-peixe cantava e encantou joão nestor
que pulou no poço e não voltou ainda
o poço grande perto das pedras tão grande nunca seca
diziam que lá embaixo tinha o castelo da mulher-peixe
e quando ela zangava não tinha peixe pra ninguém
ninguém nem mesmo joão nestor

XII

zé miguel foi tocador de zabumba
tocou tocou tocou
por festas por este sertão
ele banhava sempre no mesmo local no ubatuba
quando zé miguel virou estrela as águas começaram a
[tocar zabumba
na cheia do rio águas batem nas pedras com tanta
[veemência que os passantes afirmam
que é zé miguel fazendo a festa

XIII

o luar no sertão é um véu que cobre o mato de magia
tudo ali é infinito e além do visível
mãe-d'água lobisomens caiporas
vem e vão pelas veredas e rincões
nessa eternidade sertaneja arrastando sons e silêncios
caburé canta no pau-d'arco seco
e um frio congela alma e anuncia o medo

XIV

sete sertões andamos por séculos
de peito aberto e punhais na alma
exilados
aclamados
expurgados *ipso facto*
por coronéis visagens deveras
e de tanto andar andarilhos clandestinos
por estas terras ressequidas paramos para beber no
[poço grande na pedra grande à beira
do ubatuba
o rio ri das pedras e do homem serpenteia na ribanceira
beija os pés das marias que acariciam seus cachos d'água
e fica permanece na dança entre natureza e
[homem-mulher como fios da mesma teia
ubatubaaaa! ubatubaaa! ubatubaaa!
o sino soa
na torre da tamarineira
há um ser-tão-rio que vaza dentro da gente
que escorre pelos olhos no peito enfuna
alça voo e vai além da gente ou da coisa que somos

XV

manoel vitória nasceu mudo e surdo ele falava com
[gestos e ouvia com os olhos
e quis ser vaqueiro como pai zé preto domar gado e
[solidões
seu aboio diferenciado ecoava no sertão ao nascer do sol
as rês respondiam em harmonia prontamente
e o mudo colocava ouvido no chão e sentiu o chocalhar
era rito das manhãs o leite mugido
vaca zeburina chifre-quebrado não gostavam do mudo
ele trotava na captura em seu pangaré alado
perneira gibão chapéu peitoral botas bernal
era deus daquelas veredas

XVI

depois do útero-áfrica-eurásia
por onde andamos
somos clandestinos
sem rima
sem mar
sem porquês
indo entre tantos joãos josés antônios
vindo de muitas marias da concepção florinda da paz
esse gene dna que nos move sobre as pedras
e regenera o corte na pele o espinho na alma
somos andarilhos entre gente tão igual
reflexo espelho dupla face
quem somos
nesses trilhos encardidos
que o tempo traçou
nas nossas veias?

XVII

há um sertão em mim
que canta e sangra

antônio xicara nunca começou brocar sua roça em
[agosto

mês do desgosto dizia ele
ninguém casava mudava de casa
nada quase
só a ventania valsando poeira
no pé de oiticica e doca que buscava água na cacimba
[do rio

ela resmungava cantigas que aprendeu com sua vó chica
ninguém nunca entendeu nada
as cacimbas permaneciam ali
saciando sede enchendo cabaça
fila de mulheres descabeladas
desjejuns e sede
às cinco horas da manhã
na barra do dia horizontal
água brotava límpida e devagar como ampulheta que
[conta o tempo interiorano
enquanto se fuxicava sobre a vida alheia
tu ficou sabendo?
sabendo ficou tu?

XVIII

por aquelas ribeiras do ubatuba

quase todo mundo nasceu pelas mãos de vó murici

mãos ágeis e voz fina acalantava a dor das

[meninas-mãe-mulher e o rebento logo vinha
rompendo em choro a escuridão de março chuvoso
não sabia nadar mas atravessava rio segurando

[cumbuca na cheia grande
quando vinha lhe pedir ajuda

corre vó murici que antônia está sofrendo

ela rezava rezava rezava

ela morreu rezando um dia aos noventa anos sozinha

XIX

o rio dialogava com as marias aos sábados
lavadeiras em procissão
prece sabão enxágue
diziam que o peixe-bico-doce vinha espiar as lavadeiras
pelas frestas das pedras
e elas os pescavam em jiquis
piabas piaus camarões cangatis
o almoço da menina com feijão gordura de porco e
[farinha de puba

XX

lamparinas eram testemunhas
dos causos contados por zé adonias muleiro que vinha
[da serra carregado de rapadura
ancoretas cachaça e estórias
no alpendre de antônio xicara as cargas apeadas
mulas pastando e zé adonias descrevia lobisomens e
[fantasmas avistados nas
encruzilhas
onças vorazes famintas
na cinta uma faca-peixeira tilintava
ceifavam feras assassinas ou invisíveis mandacarus
o vento na carnaubeira assusta as fracas luzes das
[candeias
mãe-da-lua ecoa na mata despertando sono na noite
escura e lânguida

há algo que nasce no âmago da madrugada
que só os cães sabem
quando cessam os lampiões e o balançar das redes

invisível invisível invisível

deus vem vez e outra descansar ao sétimo dia
debaixo da mangueira
comer caju rapadura farinha de puba
gênese e deus viu que era bom

XXI

zé preto plantou cajueiros no quintal
e deu-lhes nomes sobrenomes e almas
quando zé morreu as folhas choraram
e hoje quando o vento sopra no cajueiral pela manhã
dizem que zé preto acariciando a plantação

XXII

tantas cruzes solitárias nos quintais estradas
maria choros e orações
não deu tempo batizar
e os anjinhos são enterrados em cova rasa
sarampo desnutrição cólera diarreia
de cada três que brotaram um se encantou e virou
[pássaro invisível antes dos cinco
invernos.

XXIII

latifúndio latifúndio... terra-mar a perder-se de vista
latifundiário-diária-diário-diária...
dia a dia vai consumindo os músculos de raimundos
[franciscos
minifúndio mini-homem encabrestado
antonio santil meeiro um quinto do que produzia era
[do patrão
braços fortes deitava as catingueiras e catanducas na
[foice
aceiro varria domava o fogo na limpa
solo pronto cerca de madeira costurada a braço
tudo pronto chover esperar
chegar janeiro e plantar esperança
arroz feijão mandioca milho
melão melancia pepino gergelim
cabaça cana e ainda se sobrar espaço
planta-se um sonho de menino que espia da porteira o
[movimento de homens e chapéus

XXIV

há um sertão em mim
que canta e sangra

baleia graciliana tão comum por aqui
é componente familiar é faltar alguém
cadela boa de caça todo sertanejo precisa
pega tatu tejo-açu teiú mambira
e espanta lobisomens nas madrugadas
vó preta contava que certa noite o lobo-homem comeu
[todos os filhotes de sua cadela-
baleia
ela até disparou sua lazarina mas nada
baleia passou uma semana chorando ao pé da cerca

XXV

esse sertão já foi mar

dizia birica gesticulando as asas com uma sabedoria

[celestial

essa torre da igreja será morada de baleia

toda vez que o sino toca no alto da torre lembro de birica

vieram sobre a terra as águas do dilúvio.

quarenta dias e quarenta noites.

tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas

[narinas morreu.

em cinquenta e oito não choveu relâmpagos no nascente

não desaguou nuvem alguma nas cabeceiras do ubatuba

morreu plantação cabras galinhas

secaram cacimbas cacimbões e esperança homens

[mulheres crianças

retirantes retira antes de morrer de fome

frente de trabalho os homens abriram estrada no braço

enquanto as marias faziam as comidas e acalentavam

[a fome dos pequenos

doca tinha cinco anos desnutrida não andava

transportavam-na em rede e perguntavam aos retirantes

essa aí morreu?

e doca mexia os braços

eu perguntei a deus do céu uai
“Por que tamanha judiação?”

XXVI

noite negra negra noite
quantos infinitos neste breu sem nome
os acordes da viola sete cordas moedas no chapéu
repente cantoria poetas do improviso
versos rimas enredo
os pássaros cantadores da serra
lucas evangelista & luzia dias

*quando o amor surgiu em meu peito
foi com tanto efeito e não pude evitar
uma linda jovem cruzou meu caminho
com tanto carinho que jurei lhe amar*

*eu só jurei porque não sabia
que no mundo havia tanta ingratidão
se eu soubesse não tinha jurado
e nem maltratado meu coração*

XXVII

deus é poeta da roça
que bebe água de cacimba e faz poesia do homem-fera
que corre pés descalços na chuva ribanceira do ubatuba
é garça a gralha e o sabiá nas guabirabeiras
o canto do urutau o bacurau que anuncia o sol de amanhã
dialoga com as jaguatiricas come juá na estiagem
o andarilho de matulão é deus
deus é sertão ser tão tão ser infindo
como a tarde explodindo as cores do arco-íris

XXVIII

birica queria ver deus em vida
em sonho talvez rezava rezava
e pedia
rosário pedras gastas digitais chagas
e rezava rezava até dormir e sonhar que rezava
dias de finado ela madrugava no cemitério
velas fósforos pai-nosso ave-marias rezava os que
[partiram
no restante do ano rezava pelos vivos
quando birica morreu houve um silêncio
as folhas do quintal se alvoroçaram
ela o viu e foi foi foi ser asa branca além do horizonte.

XXIX

eu nasci menino
ou talvez carcará que vigia o pasto
nambu saracura-do-mato na rematagem do rio
e tudo é dna gene que gira
à noite eu sonhava que voava sobre os pau-d'arco
e tinha aquele sertão noturno sob os pés
já ouvi o assoviar da caipora
sugando meus sentidos o cheiro de enxofre do lobisomem
a pele em brasa o rasga-mortalha
até o raiar do dia tucum casa de taipa
voltava a nascer menino

XXX

quando a acauã cantava no quintal
doca se benzia e emborcava as alpargatas em cruz na
[porta da cozinha
e rezava baixinho para afastar mau agouro

*acauã, acauã,
teu canto é penoso e faz medo
te cala, acauã*

há um sertão em mim
que canta e sangra

joão-de-barro constrói seu ninho casa
barro taipa e joão é primo de pedro o santo
fuxica segredos celestiais
não terá chuva do nascente este ano
e joão-de-barro faz entrada do ninho para o leste

há um diálogo um dialeto
que só o sertão entende
exceto o homem
conversam cochicham os beija-flores
e os sabiás com as suçuaranas
será do tempo em que os animais falavam?
assim contava antônio birá
que antes do homem ser moldado à beira do ubatuba
[os animais eram faladores
jabuti juiz
mambira padre
cachorro cantor...
e veio homem e tudo acabou
cercou delimitou fez fronteira
inventou o fogo descobriu metais
inventou papel-moeda
e tudo acabou

a barra do dia
explosão de cores e sons
anuncia um novo mundo todo amanhecer
o cheiro de terra rastro de lobisomens
no caminho da roça
café cuscuz e os galos e quintais e outros galos e
[cantares e quintais
na pedra de amolar
foices enxadas
cabaça d'água
corruições e galos-campinas
sentenciam o nascer do dia sol e orvalho
dia dia dia
lenha fomalha trempe
café e sintonia
tapioca manteiga-da-terra
e pica-paus nas ateiras bocejando as abelhas e palhas
[de carnaúba
e tudo é paz

XXXI

quando birica morreu os galos não cantaram
e desde então nunca mais
perdeu o sentido o vazio da madrugada
companheira insone da anciã
mãe-da-lua cantar triste de tantas solidões
[compartilhadas

nunca mais nunca mais
rádio de pilha descarregado
bengala no banco do pote
moldura vazio do retrato do tempo
amarelado na parede em casa de aranha
há um crocitar triste do rasga-mortalha no telhado de
[palha

em nome da mãe filha espírita santa
amém! amém! amém!

o mesmo vazio da criação em gênesis
e deus chamou à luz dia e às trevas chamou noite
e foi a tarde e a manhã o dia primeiro

XXXII

a noite inteira dança
poeira no terreiro lampiões lamparinas
moços e enfeites matracas na mão

*é boi é boi morena é boi
é boi que sabe vadiar
tenho fé nos meus vaqueiros
que trouxeram meu boi pra cá*

e maria ri sem dente ri ri ri
encenação bumba meu boi
fileiras de homens enfeitados
cantando toadas versos repente
a rocandeira imita mugido
o boi de pano e talo de carnaúba
boi estrelinha desse lugar
espírito das matas encantadas
na toadas do amo

*chegou chegou chegou
chegou torna chegar
se quiser que eu brinco eu brinco
se não quiser eu volto já senhora
dona da casa
põe azeite na cadeia*

*que a barra do meu boi é branca
e não pode encostar na areia*

catirina nego chico amor danoso
quer língua de boi afamado
traição morte amor morte amor

*por que fez isto, chico?
foi minha mulher meu amo que me obrigou*

pajés doutores da mata
ressureição
e boi levanta gira ginga
poeira terreiro poeira

*urrou meu boi
terra fria estremeceu te
levanta, boi de fama
tu caiu mas não morreu*

na apresentação do boi estrelinha
o vaqueiro manoel mudo era cazumbá espírito dos rios
punha uma máscara de papelão chicote e uma
[lâmparina cumbuca na cabeça
mudo fica atento protegendo catirina das bulinações
[alheias
catirina serelepe dança ginga
um dia a lâmparina derramou fogo na cabeça de mudo
ele berrou e saiu gesticulando
nunca mais queria ser cazumbá
na noite seguinte estava ele com cumbuca na cabeça
[enfaixada.

*quando eu digo que lá vai boi
lá vai boi rapaziada
é sereno da meia-noite
é sereno da madrugada*

XXXIII

há um sertão em mim
que canta e sangra

ubaldo foi poeta
que nunca aprendeu ler palavras
lia noite a chuva os amanheceres
tinha uma mania de perde-se entre os carnaubais
nasceu doente e andou depois dos cinco
vó murici parteira deu-lhe cinco dias
esse não vinga
ele viveu cinco décadas
poetizou repente cordel
foi poeta poeta poeta
que palavrão na roça ser poeta.
quando cansou das metáforas
foi ser rio... peixe encantado
sempre disseram que ubaldo não era deste mundo

XXXIV

joão da luz ou joão sem nome
seu corpo sem vida no beijar do ubatuba com a maré
foi encontrado por caçadores
do lado uma cabaça vazia um cajado
morreu perdido e sede?
ninguém sabe quem era ou de onde vinha
nunca se soube
morreu sem nome
sem pedidos ou gritos
joão da luz
hoje não falta água no seu túmulo ou prece dos
[pagadores de promessas

XXXV

finado cesário é uma cruz fria numa furna de pedras
menino de sonhos corria pelos pastos
crueldade humana transvestindo homens maus
reinou no silêncio do sertão dos coronéis
que não ouvia a dor do menino
chorou sangrou chorou sangrou
até desfazer-se na negritude das cavernas
cesário luis dos santos tinha dezessete anos
foi acusado de crime não cometido
engravidado filha de coronel
amarrado em burros bravios arrastado
chorou sangrou chorou sangrou
mutilado esquartejado jogado
enquanto seus carrascos sorriam e brindavam
cesário pássaro encantado na lagoa do carnaubal
reza preces orações e romarias
graças e bênçãos santo do sertão
vó birica sempre rezava um terço pra cesário

XXXVI

teresa tinha fé
tantos deuses e santos nossa senhora de lourdes padre
[cícerô romão

escondia são josé para voltar a chover
deixava santo antônio de ponta-cabeça pra casar
um dia comprou do muleiro zé adonias imagem do
[caboclinho da mata

pároco não aprovou
não é coisa da igreja, não, irmã
e teresa escondeu a imagem numa casinha no quintal
toda quinta-feira às madrugadas
teresa acendia vela escondida ao caboclinho da mata
nunca havia lhe negado um pedido o curumim

caboclinho da mata virgem
é filho da jurema e hoje vem nesse gongá
mas um dia o caboclinho se perdeu da sua mãe
pois ainda um curumim caboclinho foi caçar

XXXVII

há um sertão em mim
que canta e sangra

arame farpado separa terras homens e sonhos
gosto das cancelas e passadores
por onde passam as marias com cabaça d'água
joãos com saca de feijão maduro milho
passam visagens caiporas lobisomens
o passador da birica o passador da birica
substantivo próprio concreto
ligava um cercado a outro
ponte de madeira moldurando o arame
todo menino queria crescer e subir lá
no passador da birica ir além ir além
era como um rito de passagem

XXXVIII

manoel redondo era carrancudo corcunda
quasimodo sertanejo
e não encarava os olhos humanos quase não falava
logo disseram que era lobisomem
em lua cheia viajava sete cidade antes do amanhecer

o redondo não tinha família por ali
vivia de bico nas fazendas
e noite de lua cheia dormia na casa de farinha
todos supunham que era ele o bicho-homem
os curumins tinham certeza
e corriam de medo de redondo
bicho-papão coisa ruim
te comporta senão chamo o redondo
e assim redondo foi eternizado
o lobisomem por aquelas bandas do rio ubatuba

manoel redondo um dia cansou daquilo tudo
arrumou suas coisas e fez matulão cabaça d'água
pegou a estrada passos lentos contínuos
e sumiu na curva para nunca mais voltar
por aquelas paragens
e nunca mais se ouviu falar dele
mas as madrugadas de lua cheia continuaram

[assustadoras

XXXIX

chico dondon andarilho
chegava dialogando coisa desconexa
a pé bicicleta ou a cavalo
pedia café água e falava sobre silêncios
trazia três relógios em cada braço
ele não era do seu tempo
tocava gaita viola onde chegava ou por onde ia
diziam que chico dondon ficou assim de tanto estudar
comeu tanto livro que endoidou dizia vó preta
e ela sempre me olhava com alerta
quando me via com livros nas mãos

um dia espancaram dondon
sem motivos ou razão
seus familiares nunca mais o deixaram sair
o sertão já não merecia a bondade de chico dondon

XL

cazuza vesgo sempre andava como se olhasse de lado
comprava vendia trocava
bicicleta cavalo jumento rádio lanterna
sempre a pé devagar
cabeça na transversal como se tentasse escutar o
[horizonte
de longe se ouvia cazuza conversando com os bem-te-vis
por vez sumia e depois reaparecia por aquelas bandas
ficava tardes inteiras conversando com vó santil
tomavam café mascavam fumo
e faziam negócios aleatórios e irrisórios
um dia ele saiu pela última vez
não lembro quando

Apocalipse

I

há um sertão em mim
que canta e sangra

ser parte metamorfose
ser seca chuva dualidade
todo sertanejo é antes de tudo sertanejo
face esquia corte na testa
sangue no braço cansaço na perna
e ao findar um sorriso explode
tão verdade que deus mora ali
entre os dentes falhos e nacos de rapaduras

ser rio ser pedra ser mormaço
ser poeira ser estrada de terra batida
quando pia a coruja canta a acauã
as primeiras águas descendo no ubatuba
serpenteando entre as pedras
é ser sertão
rompendo fronteiras além-mar

II

encruzilhada alma penada
corpo fechado pode passar
que as espinhela caída
chico rita vai rezar
sol na cabeça água borbulha
rosário prece promessa a padre cícero
há de crer há de crer
há de curar
menino vaqueiro caboclinho da mata
minha rês na caatinga vão encontrar
em cada palmo de terra o rastro ancestral
tantas marias andarilhas joãos zés ao caminho da roça
quanto sague derramado
apagado pela chuva?
quantos pés descalços tatuaram os espinhos dos
[mandacarus?
a sutileza da flor dos pau-d'arcos em junho

III

aprendi mais a ver deus na caatinga
do que na paróquia de são pedro
no voo rasante da asa branca ao fim da tarde
ou quando as cigarras orquestravam o som do meio-dia
o traçar do beija-flor construindo ninho
entendi que deus só podia ser ali e nada mais

IV

há um sertão andarilho vazando pelos poros
que ruge no silêncio dos redemoinhos
e na quentura saliva por sonhos
uma fera de sete vidas
cravando nos mandacarus
a visagem alada dos carnaubais
há um ser'tão aqui
que canta e sangra
enjaulado na garganta



vencedor
na categoria
POESIA



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



cultura
paraná

